

A CAMPANHA DA IMPRENSA MATO-GROSSENSE A FAVOR DE UM CONFLITO COM O PARAGUAI

Ney Iared Reynaldo¹

O presente texto busca analisar a situação da imprensa no contexto das dificuldades diplomáticas entre o governo paraguaio e brasileiro na região de fronteira. A imprensa surgiu na Província de Mato Grosso somente no final da primeira metade do século XIX². Até a década de 1830, o jornal goiano *A Matutina Meapotense*, com duas colunas reservadas a Mato Grosso: *A Província de Mato Grosso* e a *Miscelânea Cuiabanense*, é que servia de canal para que o Governo Provincial publicasse seus atos oficiais e os debates políticos. O primeiro jornal oficial publicado em Mato Grosso chamou-se *Themis Mato-grossense* e foi criado em 14 de agosto de 1839, quando José Antônio Pimenta Bueno presidia a Província. Nesse mesmo ano, passava a funcionar uma “tipografia destinada principalmente à publicação dos atos do Governo”³.

Três anos depois, em 1842, surgiu o *Cuiabano Oficial* e, posteriormente, em 1847, foi à vez de *A Gazeta Cuyabana*, dirigida pelo Pe. Ernesto Camilo Barreto, considerado o primeiro jornal de oposição na Província. No ano seguinte, o *Echo Cuiabano* veio a público. Na década de 1850, circulava o *O Noticiador Cuiabano* (1857), *A Voz da Verdade* (1858), *A Imprensa Cuiabana*, *A Opinião* (1859). Na década seguinte, mais quatro deles. *O Cuiabano* (1867), *O Popular* (1868), *A Situação* (1868) e *A Independência* (1870). Entretanto, foi somente depois da Guerra do Paraguai que os jornais passaram a circular periodicamente, proliferando também em outras localidades, posto terem recebido o influxo da reabertura da navegação pelo rio Paraguai – Corumbá e Cáceres⁴, como *O Primeiro de Março* (1871), *O filho do Povo* (1872) e *O Liberal* (1874).

Seguindo as tendências presentes na imprensa de todo o país, esses jornais apresentavam certa homogeneidade, pois eram legítimos representantes das classes dominantes. Também, caracterizavam-se por afirmarem suas vinculações político-partidárias e uma tendência unilateral de opinião sobre temas publicados.

Mesmo não tendo uma imprensa oficial⁵, mas visando colocar a opinião pública letrada a seu favor, o Governo mato-grossense tratou de submeter os periódicos provinciais às suas vontades e determinações⁶. Para tal, contou com a adesão de jornalistas e de proprietários de jornais, publicando discursos, resoluções e outras notas informativas de cunho oficial como matérias pagas, bem como controlando a distribuição do papel e a permissão de funcionamento do jornal. Na época, o papel era totalmente importado, cabendo ao Governo, à cobrança de taxas de importação, que

¹ Doutor em História da América Latina, docente da Universidade Federal de Mato Grosso.

² Ver, sobre a imprensa de Mato Grosso em CALHAO, Antônio Ernani Pedroso, MORGADO, Eliane M., MORAES, Sibeles. **Imprensa periódica mato-grossense 1847-1969**. Cuiabá, Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1994.

³ LEVERGER, Augusto João Manoel. Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 205, p. 208-385, out./dez., 1949.

⁴ Para maiores esclarecimentos, ver JUCA, Pedro Rocha. **A imprensa oficial em Mato Grosso**. Cuiabá: Editora da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso, 1986. p. 7-51.

⁵ O último jornal editado pela Tipografia Provincial foi *A Gazeta Cuyabana*, que deixou de circular em 1848.

⁶ JUCA, op. cit., p. 52.

deveriam ser pagas sempre à vista⁷ e a definição da quantidade que poderia ser adquirido por cada um.

Conta o historiador Virgílio Corrêa Filho (1960), que o jornal *A Voz da Verdade*, fundado em 1858/1860, sob a direção de José Pinto Gomes foi o primeiro a divulgar notícias oficiais em torno da questão da fronteira na Província⁸. Com o título ‘Ato Público’, em cinco páginas, publicou uma Correspondência do Capitão de Fragata Augusto João Manoel Leverger, presidente da Província, na Edição de 28 de abril de 1859, a qual dizia:

[...] Athé quando teremos que supportar esses infames paraguayos, [...] que se achao no direito de atravessar Nossas Fronteiras e athé se apropriar pelo que encontram a sua frente os Nossos gados e dos Nossos recursos naturais alli localizados [...] ⁹.

Os jornais mato-grossenses não apenas reproduziam a visão oficial sobre os paraguaios, mas contribuíram para estimular o conflito, bem como para reforçar o sentimento “anti-paraguaio” ao descrever e enaltecer acontecimentos que ocorriam na região de fronteira da Província com a República do Paraguai. Segundo Paulo Santana de Cunha Fonseca (1977), as notícias veiculadas eram “falseadas” e essa manipulação se processava desde a localização da notícia no espaço da página, até o tamanho das letras, de forma a dar sentido à narrativa. Afirma que as manchetes destacavam as denúncias como luta de alguns “abnegados mato-grossenses” ¹⁰, construindo, por meio dessas notícias sobre a presença paraguaia na fronteira, “verdades”, que aos poucos se sedimentavam na opinião de seus leitores.

Alguns assumiram uma posição implacavelmente “anti-paraguaia”, como é o caso de *A Voz da Verdade* que, em editorial de 29 de maio de 1863, fez duras críticas e difamações ao Governo paraguaio, sobretudo a partir de suas intervenções na navegação no rio Paraguai partir de meados de 1863¹¹. Chegou a insinuar a possibilidade de o Império ocupar o território paraguaio ao defender:

[...] cremos que para colocar um termo de vez aos selvagens guaranis [paraguaios], só uma Guerra rápida e bem sucedida, em que no final, seu território fosse anexado e civilizado por Nós, o que resultaria em seu melhor aproveitamento pela Província como decorrência de uma causa do direito natural¹².

⁷DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. São Paulo: Edaglit, 1968. p. 123-124.

⁸Este jornal, ao longo dos seis anos de existência, manteve-se fiel às ideias liberais, oriundas do liberalismo dos séculos XVIII e XIX, tendo, Virgílio Corrêa Filho, “Locke e Rousseau eram seus mentores intelectuais”. No entanto, sua postura liberal era dúbia e expressa em todas as oportunidades que se apresentassem. Seus editores chegavam a defender o princípio da incorporação territorial do Paraguai às terras mato-grossenses, sabiam se adaptar aos momentos políticos adversos, sustentando sempre o liberalismo político como o seu ideal, e não o liberalismo econômico. CORRÊA FILHO, Virgílio. A imprensa mato-grossense. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 208-242, ago./dez. 1960.

⁹Jornal *A Voz da Verdade*, Cuyabá, p. 3, 28 abr. 1859.

¹⁰FONSECA, Paulo Santana de Cunha. **O jogo de palavras**. A imprensa mato-grossense antes da guerra do Paraguai. São Paulo: Brasiliense, 1977. p. 214.

¹¹ REYNALDO, Ney Iared. **Comércio e Navegação no rio Paraguai**. Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2000. P. 143.

¹²Jornal *A Voz da Verdade*, Cuyabá, p. 4, 29 maio 1863.

Consultando os jornais do período na Província, verificamos que qualquer ocorrência na zona fronteira, ainda que parecesse corriqueira, adquiria, na imprensa mato-grossense, tanto da Capital como de Corumbá, dimensões significativas. Foi o caso da ‘Barcaça Moreira Cabral’, que naufragou nas proximidades da Vila de Concepción, em águas paraguaias, e que ficou conhecida num longo editorial de cinco páginas do *Boletim de Mato Grosso*, intitulado “O Caso da Barcaça”, publicado em 29 de outubro de 1863. Dizia a matéria:

A barcaça Moreira Cabral de propriedade do Sr. João Antônio Ferreira Coutinho, quando se dirigia para uma fazenda nas proximidades do rio Apa, a mesma sofreu grande avaria em seu casco de modo a suspeitar que se tenha sido produzida de propósito para impedir que chegasse ao seu destino. Segundo testemunhos da tripulação foram observados por um ajuntamento de soldados paraguaios que observavam a embarcação naufragarem, sem prestar qualquer auxílio conforme manda a leis dos homens e a formação cristã [...] ¹³.

Convém destacar que, cinco anos depois da conclusão das investigações, que envolveram técnicos da Marinha Imperial e da Guarda paraguaia, é que de fato se constatou a verdade: o barco só afundara porque se encontrava em mau estado de conservação, e o rombo em seu casco não fora produzido por uma bala de canhão explosiva, como a imprensa mato-grossense noticiara anteriormente, mas devido ao choque com restos de madeira flutuantes empurrados pela correnteza das águas contra a embarcação.

Na 333ª Edição do *À voz da Verdade*, de 26 de maio de 1864 (portanto a poucos meses da invasão paraguaia), publicou outro desvio de carregamento de armas (35 caixotes), contendo diversos tipos de espingardas e pistolas de diferentes calibres, procedentes de Buenos Aires para Mato Grosso. Sem declarar o comprador, a nota dizia apenas que as mercadorias desapareceram nas proximidades da fronteira com o Paraguai. Os responsáveis pelas mesmas de tudo fizeram para encobrir o fato, a fim de evitar a investigação por parte das autoridades. Declararam, na imprensa local, “que teria ocorrido um acidente no trajeto [ignorado] e que, a seguradora já teria declarado a perda total das mercadorias” ¹⁴, sem dar, porém, maiores esclarecimentos sobre as causas desse naufrágio. Na edição seguinte, o Editorial do jornal cobrou explicações e chegou a insinuar a participação paraguaia no caso.

Este editorial pede licença aos seus leitores e em nome de Nossa sociedade mato-grossense, clamamos por esclarecimentos das autoridades policiais, sobre o que teria ocorrido, acerca de um montante de armas que simplesmente desapareceram publicados em Nossa última Edição, conforme palavras do Sr. Temístocles de Barros Silva responsável direto pela mercadoria que estava a caminho de Nossa Província. Embora, o mesmo alegue acidente em seu trajeto, não temos a menor dúvida

¹³Jornal *Boletim de Mato Grosso*, Cuyabá, p. 1-5, 29 out. 1863.

¹⁴Jornal *A Voz da Verdade*, Cuyabá, p. 3, 29 set. 1864.

Senhores que os Guaranis [paraguaios] estejam envolvidos nessa trama, sempre dispostos a Nos prejudicar [...] ¹⁵.

Os jornais publicavam violências e outras arbitrariedades sofridas por cidadãos mato-grossenses residentes no Paraguai ou nas proximidades da linha de fronteira com este país. Somavam-se a isso, ainda, boatos de assassinatos, roubos de gado e cavalos nas propriedades particulares. Como as que aparecem em matéria do jornal *A Imprensa Cuiabana*:

O Sr. Francisco Pereira Castro dos Santos, que recentemente chegou da fronteira, nos informou sobre as prisões de mato-grossenses no Paraguai. Segundo este, todos foram condenados a pena de morte, sem julgamento, acusados de espíões, tendo seus bens confiscados pelas autoridades daquele País [...]. Tiveram suas propriedades saqueadas e roubadas muitos gados e cavalos, que segundo gente de lá eram enviadas ao Exército paraguaio de cavalaria montada, localizada a poucas léguas rio Acima do Forte de Coimbra [...] ¹⁶.

Outro exemplo, temos na fala do peão Severino de Almeida da Silva, da fazenda *Ponta da Serra*, nas proximidades da fronteira, onde segundo suas palavras, teria sentido “a falta de oito cavalos e cinco vacas, jurava ter visto serem os paraguaios os verdadeiros ladrões”. Essa história chegou à imprensa de Cuiabá em forma de notícia com o título “Sem Rei sem Lei, mais uma da fronteira”, publicada no dia 23 março de 1864, pelo jornal *A Voz da Verdade*, tendo sua edição 189 esgotada em apenas dois dias, o que para a época era um grande feito ¹⁷.

E, pouco antes da guerra iniciar, o jornal *A Imprensa Cuiabana* publicou, em 28 de janeiro de 1864, em Edição Especial, a notícia que promoveu impacto em toda a sociedade mato-grossense: divulgou o testemunho de um dos sobreviventes da invasão de Corumbá, dizendo:

[...] Continuam a chegar inúmeros fugitivos de Corumbá, portadores das mais desoladas notícias. As que foram dadas pelo Comandante Moreira Marques à gente que se encontrava em Melaço causaram pânico ali; atoadores ribombos sucessivos de trovões, tomados por canhoneiros paraguaios, puseram em debandada a Guarnição de Melaço. [...] Era contrista dor e lancinante o espetáculo de dispersão, a ansiedade e alucinação populares, [...] a Província história desesperada nas vazias da agonia, ameaçada a Capital da mesma sorte das outras Povoações ribeirinhas devastadas pelos bárbaros paraguaios. Tudo eram horror, medo e confusão ¹⁸.

¹⁵Jornal *A Voz da Verdade*, Cuyabá, p. 3-4, 1 jul. 1864.

¹⁶Jornal *A Imprensa Cuiabana*, Cuyabá, p. 5, 17 nov. 1863.

¹⁷Segundo Valmir Batista Corrêa, tudo isso caracterizava uma verdadeira banalização da violência na fronteira, onde “os mocinhos eram os fazendeiros mato-grossenses e os bandidos os soldados paraguaios”. Em vários relatórios presidenciais, muitos governantes aconselhavam os cidadãos residentes em povoados e vilas próximas da fronteira de andarem sempre armados, para o caso de encontrarem algum paraguaio disposto a rouba-lhe o gado. CORRÊA, Valmir Batista. **História e violência em Mato Grosso, 1817-1840**. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2000.

¹⁸Jornal *A Imprensa Cuiabana*, Cuyabá, p. 2-4, 28 jan. 1864.

Devemos lembrar, ainda, que, além do Governo Provincial, outros setores da sociedade mato-grossense utilizaram-se dos jornais para denunciar os prejuízos causados a seus negócios por conta da ação dos paraguaios e seu bloqueio fluvial¹⁹. Esse foi o caso do cuiabano Joaquim Leite do Amaral Coutinho, que intermediava nas praças do Prata, desde 1859, as compras do Governo Provincial de diferentes tipos de armas, munições e ferrarias para atender os quartéis da fronteira²⁰ e que chegou a publicar, no jornal *A Voz da Verdade*, o desaparecimento de um carregamento de onze caixotes, contendo várias espingardas de diferentes calibres que estavam depositadas no interior do vapor ‘Rio Miranda’ endereçadas ao Governo da Província de Mato Grosso²¹.

Numa outra edição de *A Voz da Verdade*, em matéria veiculada em 29 de setembro de 1864, o fazendeiro João Crispino de Sousa Figueiredo denunciou trabalhadores dissidentes paraguaios de terem infiltrado animais doentes com a epizootia entre seu rebanho de gado e cavalos, o que provocou a morte de cinco vacas e infectou outros dois cavalos de sua propriedade, nas proximidades da fronteira²². A notícia causou pânico geral na população de Cuiabá, que temia estar consumindo carnes contaminadas pelos paraguaios.

A partir dessas notícias, podemos concluir que a imprensa mato-grossense contribuiu para acirrar as já desgastadas relações entre brasileiros e paraguaios no tocante à navegação no rio Paraguai e para instalar o sentimento de que a guerra se fazia iminente, justa e necessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALHAO, A. E. P., MORGADO, E. M., MORAES, S. **Imprensa periódica mato-grossense 1847-1969**. Cuiabá, Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1994.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. A imprensa mato-grossense. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 208-242, ago./dez. 1960.
- CORRÊA, Valmir Batista. **História e violência em Mato Grosso, 1817-1840**. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2000.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. São Paulo: Edaglit, 1968.
- FIGUEIREDO, José Lima. O abastecimento de armas dos fortes da província de Mato Grosso. **Revista Assuntos Militares**, A defesa nacional, Rio de Janeiro, v. 3, n.265, p. 15, 1937.
- FONSECA, Paulo Santana de Cunha. **O jogo de palavras**. A imprensa mato-grossense antes da guerra do Paraguai. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- Jornal *A Gazeta Cuyabana*, jan. 1864.
- Jornal *A Imprensa Cuiabana*, Cuyabá, p. 2-4, 28 jan. 1864.

¹⁹MENDONÇA, Rubens de. **História do jornalismo na província de Mato Grosso**. São Paulo: Departamento Estadual de Cultura, 1956. p. 257.

²⁰FIGUEIREDO, José Lima. O abastecimento de armas dos fortes da província de Mato Grosso. **Revista Assuntos Militares**, A defesa nacional, Rio de Janeiro, v. 3, n.265, p. 15, 1937.

²¹Jornal *A Voz da Verdade*, Cuyabá, p. 5, 11 fev. 1863.

²²Jornal *A Voz da Verdade*, Cuyabá, p. 4, 29 set. 1864.

Jornal *A Voz da Verdade*, Cuiabá, p. 3, 28 abr. 1859.

Jornal *Boletim de Mato Grosso*, Cuiabá, p. 1-5, 29 out. 1863.

JUCA, Pedro Rocha. **A imprensa oficial em Mato Grosso**. Cuiabá: Editora da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso, 1986.

LEVERGER, Augusto João Manoel. Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 205, p. 208-385, out./dez., 1949.

MENDONÇA, Rubens de. **História do jornalismo na província de Mato Grosso**. São Paulo: Departamento Estadual de Cultura, 1956.